

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



**Filosofia
Política,
Educação,
Direito e
Sociedade 5**

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 5 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-098-8

DOI 10.22533/at.ed.988190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PADRE RAPHAEL MARIA GALANTI: ABORDAGEM CÍVICA E JESUÍTICA DA HISTÓRIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS	
Ligia Bahia de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.9881904021	
CAPÍTULO 2	14
GENEALOGIA DO <i>ETHOSEM</i> SARTRE: IMPLICAÇÕES DO ATUALISMO ONTO-FENOMENOLÓGICO NA LITERATURA E DRAMATURGIA	
Ricardo Fabricio Feltrin	
DOI 10.22533/at.ed.9881904022	
CAPÍTULO 3	28
PARA QUE FILOSOFIA? A FINALIDADE DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	
Ítalo Leandro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9881904023	
CAPÍTULO 4	38
AMBIENTE FAMILIAR LETRADO: SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Leliane Aparecida Ribeiro	
Sandra Fiorelli de Almeida Penteado Simeão	
DOI 10.22533/at.ed.9881904024	
CAPÍTULO 5	43
ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOCENTES E DISCENTES EM UMA DISCIPLINA DO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE NO CONTEXTO DA USABILIDADE DAS FERRAMENTAS COLABORATIVAS DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM MOODLE	
Sílvia Emanoella Silva Martins de Souza	
André Ribeiro da Silva	
Cássio Murilo Alves Costa	
Maria Auristela Menezes Costa	
Jitone Leônidas Soares	
Jônatas de França Barros	
Carissa Menezes Costa	
Críssia Maria Menezes Costa	
Fernando Antibas Atik	
DOI 10.22533/at.ed.9881904025	
CAPÍTULO 6	49
ANTROPOLOGIA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DO OLHO E DO OLHAR EM “O CORAÇÃO DELATOR” DE EDGAR ALLAN POE	
Anelliz Galvão do Amaral Giovaneti	
DOI 10.22533/at.ed.9881904026	

CAPÍTULO 7	55
ANÁLISE SOB OS CRITÉRIOS DO MEC DE UM CURSO ABERTO MASSIVO	
Edilmar Marcelino Ana Beatriz Buoso Marcelino	
DOI 10.22533/at.ed.9881904027	
CAPÍTULO 8	66
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO FACEBOOK: COLABORAÇÃO, LETRAMENTO DIGITAL E AUTONOMIA	
Inês Cortes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9881904028	
CAPÍTULO 9	76
ANÁLISE DE DISCURSO DE UMA PROPAGANDA DO GOVERNO TEMER SOBRE O “NOVO ENSINO MÉDIO”	
José Ronaldo Ribeiro da Silva Juliane Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.9881904029	
CAPÍTULO 10	88
PARA UMA CRÍTICA DA MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO	
Jucélia Maciel do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.98819040210	
CAPÍTULO 11	91
A TRAJETÓRIA DE ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA DOS TRABALHADORES PORTUÁRIOS AVULSOS (TPAS) DO PORTO DE PARANAGUÁ- PR E AS ATUAIS DEMANDAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL MARÍTIMA	
Luceli Gomes da Silva Mário Lopes Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.98819040211	
CAPÍTULO 12	104
AS LINGUAGENS UVIVERSAIS	
Manoel Lima Cruz Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.98819040212	
CAPÍTULO 13	117
BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA INTERDISCIPLINAR	
Flávia de Castro Caixeta Kamylla Guedes Sena Tiago Gonçalves Côrrea Fernanda Duarte Pinheiro Vanessa Arruda Pires Karina Pereira da Silva Juliana Martins de Souza Janaína Cassiano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.98819040213	

CAPÍTULO 14 124

AS ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DAS ESCOLAS PÚBLICAS
MUNICIPAIS DO ARACATI/CE: DO IDEAL AO POSSÍVEL

Catarina Angélica Antunes da Silva
Gilson de Sousa Oliveira
Enéas de Araújo Arrais Neto
Tânia Serra Azul Machado Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.98819040214

CAPÍTULO 15 137

DIVERSIDADE SOCIAL: PAUTA DE DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS EM PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Gualber Pereira Silva de Oliveira
Arlene Maria Soares de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.98819040215

CAPÍTULO 16 150

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: LIMITES E CONTRADIÇÕES DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE NA
MODALIDADE

Paula Eliane Costa Rocha
Patrícia Moraes Veado
Andrea Cristina Versuti

DOI 10.22533/at.ed.98819040216

CAPÍTULO 17 162

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: O VÍDEO COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO
FUNDAMENTAL

Argicely Leda de Azevedo
Gerilúcia Nascimento de Oliveira
Jorgete Comel Palmieri Mululo
Polyana Milena Barros Navegante
Carolina Brandão Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.98819040217

CAPÍTULO 18 170

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DE CRIANÇAS: O SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL “A TRIBUNA”
DE SANTOS

Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira
Bruno Bortoloto do Carmo

DOI 10.22533/at.ed.98819040218

CAPÍTULO 19 184

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FRENTE À CIDADANIA TENDO AS MÍDIAS COMO FONTE DE
MANIPULAÇÃO E CONSUMISMO

Danielle Stewart Oliveira de Araujo
Ícaro Ribeiro Soares
Maria Clara Pinto Cruz

DOI 10.22533/at.ed.98819040219

CAPÍTULO 20	195
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE HISTÓRIA	
Daniel Luciano Gevehr Darlã de Alves Shirlei Alexandra Fetter	
DOI 10.22533/at.ed.98819040220	
CAPÍTULO 21	212
A MÁQUINA DISCIPLINADORA: CONTRIBUIÇÕES DE FOUCAULT PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Ravelli Henrique de Souza Marta Regina Furlan de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.98819040221	
CAPÍTULO 22	222
FORMAÇÃO HUMANA E AFETIVIDADE: ELEMENTOS CRUCIAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Farbênia Kátia Santos de Moura Daniela Fernandes Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.98819040222	
CAPÍTULO 23	233
O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA: DIALOGANDO COM ALEXANDER ROMANOVICH LURIA	
Lorita Helena Campanholo Bordignon Marilane Maria Wolff Paim	
DOI 10.22533/at.ed.98819040223	
CAPÍTULO 24	244
OS DESAFIOS DO EDUCANDO DO PROGRAMA TOPA NO CONJUNTO PENAL DE PAULO AFONSO	
Joilson Alcindo Dias Maria Aparecida da Silva Braz Vinícius Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.98819040224	
CAPÍTULO 25	254
TORNAMO-NOS ATRAVÉS DAS COISAS	
Luiz Antonio Pacheco Queiroz Willian Carboni Viana	
DOI 10.22533/at.ed.98819040225	
CAPÍTULO 26	261
A INCLUSÃO DO ENSINO DA HISTÓRIA REGIONAL NOS 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA DISCIPLINA HISTÓRIA, EM MATO GROSSO DO SUL	
Elizabeth de Fátima da Silva Mattas	
DOI 10.22533/at.ed.98819040226	
CAPÍTULO 27	274
REFORMA EDUCACIONAL FRANCISCO CAMPOS: INOVAÇÃO, CENTRALIZAÇÃO E AUTORITARISMO	
Edelcio José Stroparo	
DOI 10.22533/at.ed.98819040227	

CAPÍTULO 28 284

RELAÇÃO ENTRE ESTILOS DE APRENDIZAGEM E DESEMPENHO NA AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sonia Maria Duarte Grego
Flaviana Cristine Assumpção
Eliana Curvelo
Marisa Veiga Capela

DOI 10.22533/at.ed.98819040228

CAPÍTULO 29 295

RELAÇÃO INTERSEMIÓTICA DE TEXTOS MULTIMODAIS: UM ESTUDO IDEACIONAL CONFORME AS GRAMÁTICAS *SISTÊMICO-FUNCIONAL* E DO *DESIGN VISUAL*

Jeniffer Streb da Silva
Noara Bolzan Martins

DOI 10.22533/at.ed.98819040229

CAPÍTULO 30 301

A ESCRITA ESTUDANTIL EM PERIÓDICOS ESCOLARES NA ERA VARGAS

Eliezer Raimundo de Sousa Costa

DOI 10.22533/at.ed.98819040230

CAPÍTULO 31 316

O SOLDADO E A BAILARINA: PRÁTICAS PSICODRAMÁTICAS NO COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

Manon Toscano Lopes Silva Pinto

DOI 10.22533/at.ed.98819040231

CAPÍTULO 32 325

OS ESTÁGIOS SOCIOCULTURAIS DA UFRR E SUAS RELAÇÕES COM A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Samara Siqueira de Souza
Edison Riuitiro Oyama

DOI 10.22533/at.ed.98819040232

CAPÍTULO 33 336

TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE DIDÁTICA: UM ESTUDO A PARTIR DE TRÊS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO CENTRO-OESTE (2004-2010)

Adriana Rodrigues
Andréa Maturano Longarezi

DOI 10.22533/at.ed.98819040233

CAPÍTULO 34 348

A PROBLEMÁTICA DO LIXO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EJA DA ESCOLA RUI BARBOSA EM PINHAL GRANDE /RS

Ivani Belenice Dallanôra
Cibele Pase Liberalesso
Marilene Scapin
Thaís Vendruscolo
Zenita Maria Uliana Posser

DOI 10.22533/at.ed.98819040234

CAPÍTULO 35 357

O VALOR DA MARCA E A PERCEPÇÃO DO INTANGÍVEL: CAMPANHAS NATURA

Daiane do Rosário Martins da Silva
Mirian Sousa Moreira
Ana Clara Ramos
Carla Mendonça de Souza
Allana Dalila Costa Rodrigues Lacerda
Liliane Guimarães Rabelo
Rafael Silva Couto

DOI 10.22533/at.ed.98819040235

SOBRE A ORGANIZADORA..... 368

Manoel Lima Cruz Teixeira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Departamento de Didática

Rio de Janeiro – RJ

RESUMO: A *filosofia das passagens* institui a nova linguagem educacional, na medida em que objetiva novos parâmetros para o enlace sujeito-interior-exterior. O objeto de pesquisa vem do cerne *configuração topológica*, meio que parece uma bola, de onde começa a rolar o jogo da aprendizagem. Nesse sentido, apresenta-se a eminência da abordagem genética inatista. Mudamos a perspectiva do fazer ciência e fazemos a passagem das artes para o pensamento - a percepção abstrata. Isto é possível quando se supõe que cada uma dessas linguagens individualmente irá formar as possibilidades de diálogos tecnológicos, matemáticos e linguísticos e, mais ainda, a complexidade da condição humana. A partir dessas questões mais abrangentes, formulamos uma mais específica: como fazer as artes do dia a dia renascerem das cinzas, se os sujeitos são vistos como incapazes de darem conta de si mesmos? O português está aí aos trancos e barrancos, assim como a linguagem matemática, no sentido da reprovação em massa. Não é possível esquecer as tão profundas sabedorias dessas disciplinas. Mas o

que resta delas? Só a perspectiva de mudança. Sem isso, não conseguiremos alfabetizar a maioria da população no Português e na Matemática. Cientistas, por afirmação inata, somos todos nós. Fazemos a história de cada um ser amplamente divulgada e selecionada no que desejamos ver renascer: a força interior na construção de um homem forte e bastante aguerrido para sobreviver às agruras e aos desafios do nosso tempo, constituído como composição física e material de conhecimentos e fundamentos das ciências como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da Língua; Linguística; Educação; Matemática; Educação Matemática.

ABSTRACT: The *philosophy of the passages* establish the new educational language; in terms, that intent create new parameters for the link between subject-indoor-outdoor. The research object comes from the core *topological configuration*, kind of looks like a ball, where the learning game starts. In this sense presents the eminence of genetic innatist approach. We changed the perspective of doing science. We pass, from arts to thought - abstract perception. This is possible when it is assumed that each of these languages will individually form the possibilities of technological, mathematical and linguistic dialogues, and the complexity of the human condition. From these broader issues, a

more specific: how to make the arts everyday reborn from the ashes, if the subjects are seen as incapable of realizing themselves? The Portuguese is there by leaps and bounds, as well as mathematical language, in the sense of failure in mass. Can not forget the so profound wisdoms of these disciplines. But what is left of them? Only the prospect of change. Without this we can not alphabetize the majority of the population. In Portuguese and mathematics. We make the history of each one be widely publicized and selected in that we want to see reborn: the inner strength on the construction of a strong man and very combative to survive the hardships and challenges of our time. Constituted as physical and material composition of knowledge and fundamentals of science as a whole.

KEYWORDS: Philosophy of Language; Linguistics; Education; Mathematics; Education Mathematics.

1 | INTRODUÇÃO

Os primeiros acordes, signos, sons, desenhos e cores constituem o que chamamos de *aprendizagem geral da criança*. Mas a complexidade desse processo não fica só nos desempenhos citados. Esse acontecimento é permeado pela inserção da fala, da escrita e da tradução de uma realidade, o cotidiano.

Historicamente, fazemos acontecer o motor que gera o mundo sem sermos individuais, já que esse processo nos engloba a todos na terra. Não reproduzimos o sistema que nos governa por meio da teologia. A questão é que, mesmo na diferença entre os seres vivos, as igualdades são fundamentais: o acesso à educação, os direitos da construção dos conhecimentos a serem desfrutados, dentre outros. A visão religiosa não acontece nas nossas pesquisas, cuja linguagem precisa ser revista.

Então, segue-se, a partir dessas questões mais abrangentes, uma mais específica: como fazer as artes do dia a dia renascerem das cinzas, se os sujeitos são vistos como incapazes de darem conta de si mesmos? Se contrapondo a isto, mais ou menos 15% da população brasileira dá conta desse recado, sobrevivendo dignamente com educação plena e outros direitos e alavancando a economia como grandes empresários e chefes de Estado, entre outras possibilidades. Isso traduz a língua dos mais aquinhoados, a parte minoritária da população.

Mas se o objetivo é entender a faculdade da linguagem e os estados que ela pode assumir, como em “Deus é o poder de todas as coisas é muito forte”, não podemos tacitamente pressupor “a inteligência do leitor”. Em vez disso, o fato se torna o objeto de pesquisa (CHOMSKY, 2002, p.34).

Vamos escrever na língua que interessa a todos: a língua universal. Adotaremos a língua dos colonizadores, não de bom grado, pois os índios já estavam aqui e seus dialetos eram muitos. Adotaremos o português, não aquele que era falado, encarnado na gramática portuguesa, como rezava a cartilha dos tempos bem antigos. Como houve reformas na língua, todos os países lusófonos teriam, a partir de 2009, a

mesma língua para se comunicar. Essa reforma não mudou a essência linguística, pois o modelo é aquele comandado pela norma do estruturalismo formal, ou seja, a famigerada “norma culta”. Houve, por fim, poucas mudanças para os tempos atuais. Esse parágrafo traduz a concepção da existência da língua como processo dinâmico de aprendizagem.

A condição de alfabetização para todos os brasileiros está garantida, na medida em que se consegue fazer a correspondência biunívoca: < som \square letra >. Teixeira (2013) e Teixeira e Rodrigues (2014) esclarecem essa questão peculiar da aprendizagem da língua materna. As imbricações entre o português e a matemática expandem-se para além da alfabetização. São os novos horizontes que se apresentam no estudo da linguagem e da mente. Propõe-se uma nova linguística universal que tangencie as diversas formas de se comunicar, por meio da matemática, do português, das artes plásticas, da música e assim por diante. Nesse sentido, afirmamos que a Matemática e o Português se estruturam mutuamente.

Cabe lembrar que o estruturalismo a que fazemos referência nesta passagem não é o estruturalismo formal, proposta que, para nossos anseios, já está superada no que diz respeito à universalização das linguagens. Resta identificar o que vamos saber fazer para dar conta do que propomos: a universalização do uso das linguagens. O objeto de pesquisa vem do cerne *configuração topológica*, meio que parece uma bola, de onde começa a rolar o jogo da aprendizagem.

Fundamental nessa concepção é a questão de gênero. A mulher assume o comando no interior do útero e, só após o nascimento do bebê, os cuidados são divididos. Por muito tempo, é a mulher que está presente cotidianamente. Esse aspecto da procriação enfatiza a igualdade de sexos no sentido da divisão e da inserção nas igualdades de participação ativa na sociedade.

Defende-se, portanto, a conexão das interfaces entre as diversas disciplinas escolares no movimento de se criar a pesquisa e sua metodologia no processo de aprendizagem desde a educação infantil até os anos posteriores. Começamos a tecer uma rede nestes primeiros parágrafos. Agora, é necessário esclarecer quais são as agulhas que estamos usando, dentre as quais está a Álgebra Universal.

2 | A ÁLGEBRA UNIVERSAL

O começo já foi posto. Matemática, Português, Música e outras linguagens são extensões que se cruzam para dar apoio ao projeto mencionado. Aqui, a música para as linguísticas ovacionadas é tratada pelo ramo chamado Fonética. Essas questões, mais particularizadas, são os temas que geram as interfaces entre as diversas áreas dos conhecimentos, como o entrelaçamento entre Música, Português e Matemática exposto a seguir.

A Álgebra Universal, ramo da Matemática, propõe a criação de outras álgebras

cujo uso permite realizar passagens entre os conhecimentos matemáticos. Esta é uma das vantagens de conhecê-la. Para nossos propósitos, tal articulação, dentro do escopo da ciência matemática, vai nos levar a fazer as passagens entre as “álgebras” existentes e as diversas línguas que nos propomos a universalizar.

Buscam-se melhores condições de vida por meio da resistência ao que é estabelecido fortemente pela lógica sistêmica. Nessa luta, há a reação ao abuso do uso da linguagem ou, de modo mais geral, das linguagens, que vêm ao topo da razão não convencional. Trata-se daquelas dos planos cartesianos e das ideias mirabolantes de uma filosofia que sedimenta a incapacidade de cada um fazer arte. A arte, nesse sentido, é tomada como construção de vida própria e esperançosa. Fazemos a passagem das artes para o pensamento - a percepção abstrata. O aqui e agora de cada um é revertido no desenvolvimento por todos. Individualmente ou coletivamente, fazer a arte de mudar o sistema leva ao País as melhoras significativas nas estruturas de poder.

Na Álgebra Universal, são vários os domínios que formam o todo: subtração e métrica, fechos e ordens, congruências, grupo, anel, estruturas bijetoras e reta discreta. Estas são partes de um todo da Álgebra Universal, a que uma nova estrutura matemática é acrescentada. Agora, o conceito matemático subjacente será estudado à luz desse novo descobrimento. Trata-se de uma nova linguagem introduzida naquelas já existentes mediante expansão de horizontes. A noção deixa de ser a mais antiga e, simplesmente, soma novos conhecimentos a partir do jogo de concretizar três linguagens em um indivíduo. Uma dessas possibilidades vem a seguir.

3 | MÚSICA, MATEMÁTICA E PORTUGUÊS

A linguagem da música é incorporada por duas faculdades da criatividade: o pensamento e a linguagem, os quais se fundem nos signos e nas poesias das letras das músicas. De fora, abraça-se o instrumento, a concretude do pensamento e da linguagem e a mediação entre a matéria e o fazer criativo. Nessa filosofia da linguagem, emaranham-se três pontos basilares: o som, a linguagem e os símbolos. Para fundamentar o processo de alfabetização na Língua Portuguesa, na Matemática e na Música, serão feitas algumas demonstrações.

O alfabeto é o material para se aprender a ler e escrever. Mas, além dessa característica material, outras variáveis se entrelaçam ao processo de aquisição da estrutura linguística, e uma delas diz respeito ao modo como a criança lê e escreve. Geralmente, aos seis anos, a estrutura da língua é incorporada, porém esse processo, até chegar a se estabelecer, passa por vários domínios criativos. Os pequenos apresentam essas habilidades sem dificuldade, pois são tão criativos quanto o artista, que vê o mundo à sua maneira, pela criatividade latente. Aos adultos, falta uma visão diferenciada sobre as crianças.

A criança se sai bem nos desenhos, sobretudo em letra de forma, pois, somente

mais tarde, a letra cursiva é experimentada. Com maior sucesso, a variedade dos desenhos infantis é um reflexo da arte que entrelaça a Matemática e o Português. As letras, o desenho dos signos, vão formar as palavras, mas, antes, no caminhar da alfabetização, a criança fala cada letra para a escrita acontecer em algum momento junto com a fala. Assim, reforça-se que, na qualidade de composição de uma letra, a escrita é o signo.

Aqui, entra a música imbricada com a Língua Portuguesa. Cada letra, ao ser pronunciada, é um som (e são 26 sons). Em cada ser, a cantoria dessas entonações é diferente, e é por isso que em cada nome pronunciado há a marca de quem canta ou fala. Alguns desses seres são os cantores.

Agora, ao formar as sílabas, outras cantigas aparecem. Veja-se a palavra *coração*, por exemplo, no trecho da música *As rosas não falam*, de Cartola:

As rosas não falam

Bate outra vez

Com esperanças no meu *coração*[...]

E a mesma palavra cantada por Caetano, no trecho da música

Coração vagabundo

Meu coração não se cansa[...]

Cantada ainda por Alceu Valença, na música.

Coração bobo

Meu coração tá batendo[...]

Se houver comparação, cada cantor entoava de maneira diferente a mesma palavra. Esta é uma das marcas indelévels que diferencia um sujeito do outro, como seres humanos que são e, mais extensamente, como animais da espécie humana.

A Matemática estrutura a Língua Materna e vice-versa. No caso específico da Matemática, a estruturação acontece quando a criança, por volta dos 6 anos, consegue emitir o som de cada letra e, assim, associa a parte ao todo: as partes (cada letra) e o todo (a palavra). Abaixo, na palavra música, há 6 letras e 6 sons. Vale reforçar que não se acentua a letra *u* por ser desnecessário aos propósitos deste texto. Teixeira (2013) amplia o tema.

m u s i c a



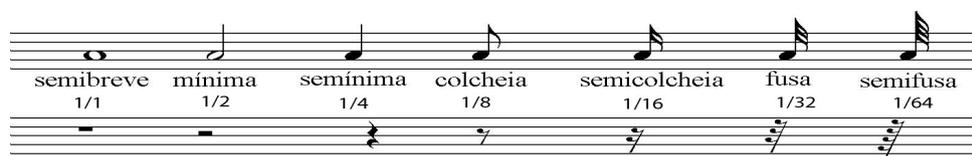
Só para ilustração, enfatiza-se a correspondência, um a um, entre cada letra e som emitido, já que, resumindo, para cada letra há um som. Os símbolos são chamados *figuras de som*, são algumas notas musicais. Importante frisar que a criança só está

alfabetizada quando consegue fazer essa relação entre o som de cada letra e a letra do alfabeto correspondente.

Matemática, Música e Língua materna se entrelaçam para configurar um dos aspectos da cidadania plena: a comunicação entre os pares e a sociedade. Pode-se ir além na discussão entre as facetas musicais, matemáticas e linguísticas, já que todas as figuras têm um nome:



Relacionam-se ainda com os números que indicam o tempo de duração de cada nota. Por exemplo, a semibreve $\bullet = 1 = 1/1$ é uma fração, é a figura de maior valor. As outras notas são $1/2$, $1/4$ etc., da principal ao inteiro 1, que é a semibreve. A ilustração, a seguir, mostra esses relacionamentos.



Estas são apenas algumas considerações entre os símbolos matemáticos e os nomes em português das notas musicais, uma vez que o campo de exploração entre essas modalidades de conhecimento extrapola a imaginação. A cada momento, a civilização cria novos conhecimentos ou ultrapassa as condições dos existentes como passagens para novas ideias se fertilizarem na mente humana.

Uma nota de destaque é a relação que os músicos têm com o público, seja por meio da voz, seja por meio do instrumento. Eles são, na maioria das vezes, festejados e ovacionados e mantêm uma interação de dar inveja aos mais incautos. Seria de bom grado que as autoridades que comandam a educação no País aproveitassem essa comunicação afetuosa e tentassem mudar a imagem pouco alvissareira que o público em geral tem dos matemáticos e dos linguistas. Essa situação de desânimo geral em relação às duas disciplinas se reflete no desempenho dos alunos, na capacidade de exercer direitos de respeitabilidade perante o não saber cristalizado pelos mitos e pelos preconceitos em relação ao desempenho nessas duas áreas. As agulhas, o jogo das linguagens e a criança cientista brincando de olhar o caleidoscópio começando a funcionar são pressupostos a serem esboçados.

4 | A CRIANÇA CIENTISTA

A presença do bebê no útero marca a ascendência atual de alguma pessoa presente a se desenvolver. Nesse ponto inicial de vida, sua percepção, como um todo,

se apresenta aguçada, quando há a primazia do cérebro na constituição do ser a nascer. O pensamento em estado embrionário transcende o tempo, o aqui e agora, mas o corpo é *configurado* em 9 meses, tempo único para os humanos. Começa-se a formar daí para frente o ser pleno a cada momento. Somos, sem sombra de dúvidas, um ser *topológico*.

A criança substancia toda a gama de extensões da arte milenar de marcar o tempo em diversos idiomas e caracteres. A data do nascimento de cada um, por exemplo, prefixada por uma linguagem puramente formal e física, é o momento expresso com números, horas e minutos. Naquele momento exato, não só nasceu como já existia alguém dentro da barriga da mãe. Quem é quem nesse momento de passagem da vida interna para a externa? Vive-se a vida de outro modo? A positividade do ser humano deve ser entendida com base na data do nascimento, marcada por dias e horas meramente estabelecidas, convencionadas?

Propõe-se, assim, a nova linguagem dos sujeitos, os quais, obviamente, existiam antes do nascimento. A vida não deve ser tomada do ser que já vivia antes de alguém determinar sua existência. A criança começa a estender-se no científico exterior. O que era só meu pode e deve ser, com todas as boas extensões, ampliado. Esse interior e essa ampliação social acarretam a viagem de cada um durante os anos da sua existência.

Mas a ciência atual não pensa assim. Digo, há cientistas que compactuam com a representação humana, na forma de cientista do amanhã, e são contrários à questão posta anteriormente. Porém, o cientista acontece a todo momento, desde a vida no útero da mãe. É indispensável, talvez inconscientemente, pensar que a razão ultrapassa e desconhece a si própria. Eu estaria fora dos meus sentidos? Há o tempo de a razão voltar a si? Volta e meia, rebusca-se o que fazer?

Invertendo, mudando de rumo e diversificando, o pensamento solto abre as asas e quer voar no sempre e no agora. Não é devaneio. Minha questão maior é explicitar essa gratidão comigo mesmo. Dizer o quanto tenho vontade de, efetivamente, ter o outro a meu lado, de maneira aberta, tão próximo de tudo quanto aquilo que não podemos pegar. O que o outro pensa de tudo não sei quase nada. O que o outro faz insurgindo perante o público? Respeito, sigo adiante, procurando em mim essa explicação. Quando vou melhorar em mim e, conseqüentemente, em nós-outros? Esta é uma preocupação demasiada com o outro. No entanto, quero fazer algo que me diga respeito: a saúde educativa de nosso povo.

O cientista nascente tem de participar, nas modalidades de aprendiz e professor, da saúde e da educação, cursos da vida que estreitam a concepção universal de linguagens comuns a serem compreendidas por todos, não por minorias abastadas ou por supostas superfícies difíceis e intransponíveis. Isto é possível quando se supõe que cada uma dessas linguagens individualmente irá formar as possibilidades de diálogos tecnológicos, matemáticos e linguísticos e, mais ainda, a complexidade da condição humana. Cientistas, por afirmação inata, somos todos nós.

Desse modo, mudamos a perspectiva do fazer ciência. Das linguagens particulares de cada ciência, torna-se possível propor questões que avancem no quadro geral de desenvolvimento da civilização. Essa afirmação requer pesquisas fundamentais em novas áreas do conhecimento que podemos dominar como sendo a composição física e material de conhecimentos e fundamentos das ciências como um todo. As considerações feitas até o momento asseguram o sentido da nova linguagem para a educação, como educação para todos, e substitui a versão atual preponderantemente tradicional e incompetente na resolução do problema da educação geral e irrestrita.

5 | O SENTIDO DA NOVA LINGUAGEM

O método clássico, tradicional e matemático de fazer ciência será contraposto a outro, sem o método que criara a ciência diversificada. Sem método seria uma questão muito forte. Apresenta-se, então, a eminência da abordagem genética inatista da aprendizagem geral dos conhecimentos acumulados pela civilização numa perspectiva histórica materialista. Algumas vezes, rastreiam-se conhecimentos utilizados para reforçar a análise contraposta, a não historicidade de fazer ciência, na perspectiva não inatista. Referimo-nos a vários precedentes da ciência enquanto detentora do método científico identificado com os pressupostos da matemática pura, os quais se confundem, na medida em que a Matemática acelera a perspectiva do entendimento do Ser, sempre pronto para a inteligência.

Nada nos diz que é essa a nossa perspectiva no aqui e agora. Não valem imposições nessa fase de doutrinação da população. Não se pode, de antemão, considerar o indivíduo inteligente para tudo. Essa é a contraposição básica. O conhecimento faz parte da aprendizagem construtiva que desenvolve a concepção inatista da aprendizagem não fechada e rasurada. O rascunho aqui é superimportante, pois é o que o humano tateia antes de chegar à sua construção ótima. Essa é a metodologia não metodologia, assertiva original. O sim e o não como duplas de Henri Wallon (1979), como o conhecimento do pensamento torna-se ação e acontece.

Continuo escrevendo a construção do conhecimento enquanto pensamento-ação. Falo de mim, o cientista, modelo mais próximo a mostrar a relação sujeito-ciência. Quando criança, ainda vivo as lembranças que tenho do outro. Eu, Tu, a dupla, sentimento que aparece de vez em quando. Trago em mim o cerne da razão e da não razão. Desse modo, o que subjaz ao conhecimento da nova linguagem científica é a dualidade dos sins e dos não, não só da razão. Queremos, pois, o melhor das necessidades básicas de subsistência, a criatividade.

Sobre a metodologia, diremos sim para o entendimento parcial de uma realidade científica identificada e realmente exercida pela maioria dos acadêmicos. Porém, sabemos muito pouco em relação à população do País. No mais, a questão central está apresentada: fazer ciência de outra maneira em contraposição às pesquisas de

“difícil acesso” em decorrência da demanda neoliberal mundial.

Esse método político de menos valia para a educação se estabelece na composição estruturalista formal de fazer a ciência do capital. No caso, é necessário aprender a linguagem da escrita científica: o tema, o objetivo, a justificativa, a metodologia e a conclusão. Trata-se de uma linguagem rígida de pouca percepção em relação à criatividade. E diríamos de pouco uso para os nossos propósitos.

O que é preciso fazer para mudar a situação? Colocar em prática a extensão das cabeças pensantes no fazer as artes no cotidiano, fazer a história de cada um, traçada no coletivo. Não é possível esquecer que comunicar é levar ao mais alto tom a voz dos oprimidos. Isto é fazer as passagens das diferentes linguagens para a linguagem que queremos ver prevalecer, a nossa mais-valia, anunciada no que se pode doar ao próximo que está junto de mim, quando sou eu mesmo, ou ao outro do lado, ou ao tão longe. Escrevo para mim e satisfaço a tensão entre o que preservo como importante em mim. Desse modo, contribuo, de alguma forma, com a ligação efetiva com a sociedade: a construção de um mundo melhor. As críticas a esse texto vão ser muitas. Fico tranquilo quando penso que é essa proposta a ser cumprida: reverter os usos das linguagens universais, questionar o estabelecido.

O português está aí aos trancos e barrancos, assim como a linguagem matemática, no sentido da reprovação em massa. Não é possível esquecer as tão profundas sabedorias dessas disciplinas. Mas o que resta delas? Só a perspectiva de mudança. Sem isso, não conseguiremos alfabetizar a maioria da população no Português e na Matemática.

Essas novas linguagens serão escritas como histórico de cada indivíduo e, depois, como histórico de todos. As interpretações nos levam a compor o novo código ético de comunicação a ser criado, que não é dado antecipadamente, pois muda a cada momento, se renova, ultrapassa o que esperamos de imediato. Já conhecemos a linguagem dos que fazem o mundo rolar ao contrário e dão para trás no subdesenvolvimento das guerras, por exemplo.

Essa é a verdade.

Juntei os panos de

Trapo,

Costurei rede de intrigas.

Fiz de umas línguas as mais

Diferentes alquimias.

Não gostaram.

Agora expresso minha

Alegria.

O capital tecnológico da ciência.

Tens consciência disso

Que digo?

Ultrapassei o ser comum.

Manchas cheias das

Novas tecnologias.

Capitalismo tecnológico

Ultrapassa o índio.

Dentro de mim

Expandem universos astrais!

Cultura

O que é cultura?

Tudo o que está

Nos nossos olhos

Em volta

A natureza visualizada

Bonito, belo

Tudo no que

Quer-se ver!

Este é um momento peculiar para expandir nesse mundo de possibilidades as várias línguas universais. Jorra outro método. “Ser e vida”, responde a ideia certa da possibilidade transformadora das linguagens universais, duas delas expostas a seguir.

6 | CIÊNCIA E POESIA

Nem a linguagem ordinária nem a não natural são exemplos de sentenças enunciativas, pois se constituem no paradigma da fala comum dita transformadora. Os aspectos extralinguísticos são considerados. É o acreditar no poder de emancipação do indivíduo, criando as condições de se expressar livremente. Se isto acontecesse,

estaria suplantando a argola que enlaça o ato criativo, a ação e as pujanças das forças antagônicas entre os sentidos e a insuportável opressão do cotidiano formal. Esta é a tendência em relação ao que Ludwig Wittgenstein (1996) afirma em seu segundo livro. Por meio de exemplos, pensa-se a vida por si mesmo, transformando-se pela escrita. Critica-se, então, a crença espalhada e difundida de que ciência tem que ser feita assim, sem a inclusão do materialismo histórico.

Tratar da capacidade de dialogar com o materialismo histórico, mas não com o materialismo científico é uma afirmação de Michel de Certeau (2009). São passagens que Ludwig Wittgenstein (1996) afirma acontecer no interior das linguagens dos usuários de uma mesma língua. Isola-se essa forma de elo existente entre a sociedade produtora de conhecimento e as ações emanadas por toda a gama de operações que fazem da ação transformadora dessa coletividade a ciência. Para o poeta José Saramago (2014, s/p), “Existe um tempo fora do tempo mecânico de todos os dias”. Outro despertar de José Saramago (2014, s/p), “A felicidade consiste em dar passos em direção a si mesmo e olhar o que você é” sobre as instigantes conexões entre a poesia e a linguagem científica materialista.

Não é que a ciência se contradiz em muitas coisas? Por exemplo, o tempo e o espaço não são a 4ª dimensão para o pressuposto da ciência física. Se fosse, não estariam na mesma raiz quantitativa e espacial. Nas três dimensões, linha, plano e espaço, o tempo já se faz presente. Quer queira quer não, vivemos no mesmo momento que diz respeito a todos, como as três dimensões antes consideradas. Este é o espaço comum que dividimos. O tempo físico do nascimento antes da data estabelecida é um tempo de todos. Tenho dito, 9 meses. Convivemos com essa e outras contradições científicas. Resta-nos criar muitas coisas que possam mudar a atmosfera conservadora atual.

7 | CONCLUSÕES

No espaço que respiramos, vivemos e sentimos as relações com os outros, o que não é só tridimensional. Existe a quarta dimensão, a matéria. Somos nós, móveis, em geral, os objetos que comandam essa trajetória do humano. Por esses motivos, mais do que necessário é delinear as últimas considerações. São as linguagens universais que comandam o nosso corpo e traçam redes caleidoscópicas de universos. Esse conhecimento matemático, o universo, se refere a algo mais abrangente. Dizem até que a língua matemática é universal. Mas afirmamos que toda língua tem seu universo de aplicação e, por isso, são também universais. Essa proposição contempla a necessidade de tecer a nova linguagem para a educação, universos particulares que se agitam na base de novas buscas para a demanda atual de solução dos sufocos e das transformações sociais que vivemos nos tempos atuais.

A filosofia das passagens institui a nova linguagem educacional, na medida em

que objetiva novos parâmetros para o enlace entre sujeito-interior-exterior. É essa trinca que vamos privilegiar. A passagem do interior de cada indivíduo, acarretando o estudo do corpo tomado na sua complexidade filogenética, expõe as condições dos processos de estudo minucioso das psicogêneses, os pensamentos alternados pelas relações de cognição entre suas vertentes cerebrais. Passamos, assim, do corpo complexo para sua interação com o exterior, a sociedade e sua infalível dinâmica de estar dentro e fora desse processo que atravessa a trinca antes enunciada. Sujeito-interior-exterior. Nós, humanos, não só vivemos de pensamentos e raciocínios formatizados, visto que passamos a conhecer as possibilidades que a beleza natural nos oferece. A Geografia exposta aos olhos é um exemplo de como uma disciplina pode ser vista de maneira diferente em nossas novas abordagens metodológicas.

As artes plásticas expõem em nossos sentimentos o despojar das cores que estão sujeitas ao pincel e à deriva da cabeça criativa. Qual linguagem escolher nesse caso para entrelaçar as outras infinitas possibilidades de linguagens universais? Matemática, Português e assim por diante, vamos incorporando o que há de melhor nesse mundaréu otimizado.

Finalizando, o educador transcendente opera na projeção do vir a ser. Assim, construímos os nossos campos de atuações conforme as ideologias e as filosofias com as quais mais nos afinamos. A partir daí, desde muito tempo atrás, esses conhecimentos produzidos e materialmente salvaguardados pela humanidade nos dizem o que fazer, sem sobremaneira articular essa presença individual aos nossos pares que navegam na mesma linha e em outras, as quais, sem dúvida, fazem a história de cada um ser amplamente divulgada e selecionada no que desejamos ver renascer: a força interior na construção de um homem forte e bastante aguerrido para sobreviver as agruras e os desafios do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M, de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. 16. ed. Tradução de Ephraim. Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

CHOMSKY, N. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Tradução de Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. Disponível em: http://pt.slideshare.net/siaromjo/saramago-ensaio-sobre-a-segueira?qid=57c3cee2-68db-4372-8b9e-79ac108186ee&v=&b=&from_search=10. Slide 24, 27 de 30. Acesso em: 14 abr. 2014.

TEIXEIRA, M. L.C. **Ateliê de Matemática**: transdisciplinaridade e educação matemática. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2013.

_____; RODRIGUES, J. do N. A leitura e a escrita: imbricações entre a língua materna e a matemática. In: TEIXEIRA, M. L. C (Org.). **Educação matemática**: interseções. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

WALLON, H. **Do acto ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Tradução de J. Seabra Dinis. Lisboa: Moraes Editores, 1979.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-098-8

